



LEITURA DE UMA ILUMINOGRATURA DE ARIANO SUASSUNA

Ariano Suassuna atuou em muitas modalidades artísticas diferentes. Mais conhecido como escritor por suas peças e romances, ele colaborou com compositores musicais, a exemplo de seu amigo Capiba, e foi também um excelente artista visual, idealizando esculturas, tapeçarias e, por muitas vezes, ilustrando seus próprios textos literários. Neste material, proponho a leitura de uma de suas iluminogravuras mais famosas: "A Acauhan - A Malhada da Onça", levando em consideração a relação entre texto e ilustração.

Antes da leitura, alguns pontos importantes:

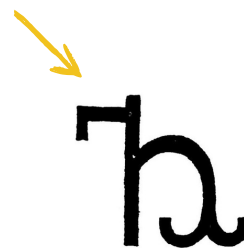
- ✿ A palavra **ILUMINOGRATURA** é um neologismo que Ariano criou para nomear trabalhos em que ele copiava à mão um soneto seu e o ilustrava.
- ✿ As palavras que dão origem a esse neologismo - iluminura e gravura - já revelam duas de suas fontes de inspiração: os manuscritos medievais iluminados e a xilogravura popular das capas dos folhetos de cordel. Mas há outras fontes importantes também, como os ferros de marcar bois, os brasões da heráldica e a arte rupestre.



Brasão da família
Albuquerque



Elementos da Pedra do Ingá, PB



Ferro Suassuna

- ✿ As iluminogravuras não foram publicadas em livro. Ariano criou dois álbuns, que eram caixas de madeira, cada uma com dez iluminogravuras. Os álbuns tinham os seguintes títulos: "Dez Sonetos com Mote Alheio" (1980) e "Dez Sonetos de Albano Cervonegro" (1985). Por serem feitos à mão, foram publicados em tiragens pequenas.





A ACAUHAN - A MALHADA DA ONÇA



A Acauhan - A Malhada da Onça

Com mote de Janice Japiassu

Aqui morava um Rei, quando eu menino:
vestia ouro e Castanho no gibão.
Pedra da sorte sobre o meu Destino,
pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu cantar era divino,
quando, ao som da viola e do bordão,
cantava com voz rouca o Desatino,
o Sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia,
eu me vi, como um Cego, sem meu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

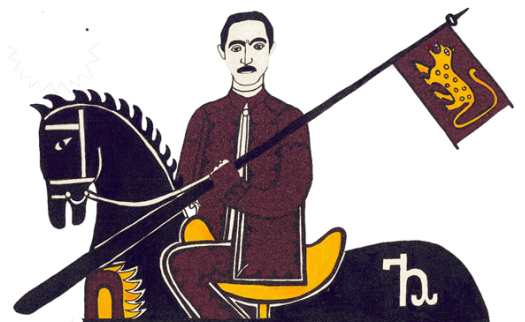
Sua Efigie me queima. Eu sou a Presa,
Ele, a Brasa que impele ao Fogo, acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

Na iluminogravura que vamos analisar, está um dos poemas mais conhecidos de Ariano Suassuna. É um soneto que fez em homenagem a seu pai, João Suassuna, assassinado quando Ariano tinha apenas três anos. Essa perda traumática influenciou a obra do escritor, que, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, afirmou assim:

“ Posso dizer que, como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que, perdendo o Pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra sua morte através do que faço e do que escrevo, oferecendo-lhe esta precária compensação e, ao mesmo tempo, buscando recuperar sua imagem, através da lembrança, dos depoimentos dos outros, das palavras que o Pai deixou.

Ariano Suassuna, discurso de posse na ABL

Esta é uma iluminogravura do primeiro álbum, "Dez Sonetos com Mote Alheio" (1980). O fundo branco e uma relação mais direta entre texto e imagem são características desse álbum. A partir da próxima página, veremos algumas dessas aproximações entre texto e imagem.



O homem que ocupa posição central da ilustração pode ser reconhecido como o pai de Suassuna pelo próprio retrato, mas também pelo ferro familiar marcado na parte traseira de seu cavalo e pela bandeira que ele leva, na qual está pintado o símbolo de sua fazenda, a Malhada da Onça. “Acauhan”, o outro nome do título do soneto, é outra fazenda da família.

A chuva vermelha que, na iluminogravura, cai sobre seus ombros anuncia o evento terrível que, na leitura do soneto, aparece no primeiro verso da terceira estrofe: “Mas mataram meu Pai”.



Nesse poema, fica clara a intenção de testemunho de um evento marcante e traumático como foi essa perda do pai. Na obra de Ariano, ele revela que esse trauma resultou em uma visão trágica do mundo, e em um profundo sentimento de deslocamento e exílio. Vejamos isso nas palavras de Ariano:



Com a morte daquele que, para mim, era o Rei e o Cavaleiro, o sol negro da Morte entrou no reino da minha vida, até ali identificado com o Reino do Sertão da Acauhan.

Ariano Suassuna em "Vida Nova Brasileira"

Sigamos com a leitura das imagens. Nas colunas ao lado do texto, está um pássaro que pode ser associado a João Suassuna – retratado como cantador no poema –, mas também à morte, que por vezes aparece na literatura de Suassuna como um gavião. Outra associação possível é com o nome Acauhan, que designa um pássaro agoureiro que se parece com um gavião, sendo da família dos falconiformes.



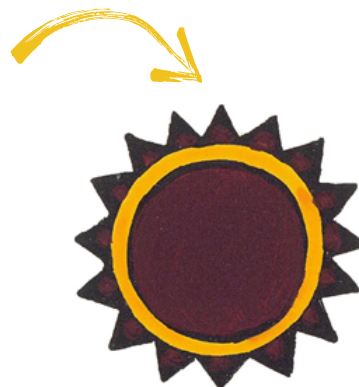


A próxima figura das colunas é a cabra, um animal muito importante na obra de Ariano. O escritor enxergava na cabra um caminho para a "revalorização política, literária e econômica do sertão", e às vezes ela aparece como representante da resistência e da luta do povo sertanejo.



A última figura das colunas é uma das muitas imagens que Ariano recria a partir das insculpturas da Pedra do Ingá, na Paraíba. Reconhecendo, nessa forma, semelhanças com o candelabro judaico, chamado de menorá, o escritor chamou-a de Candelabro da Verdade.

Nesta iluminogravura, o culto a esse Pai com letra maiúscula, que já é claro no poema, é reforçado pela ilustração, porque todas as imagens parecem levar a ele. Na figura superior, por exemplo, além do retrato, do ferro e da bandeira, o sol também pode ser visto como símbolo do pai, o guia que "se foi para o Sol, transfigurado", como diz o poema.



Há sempre muito mais a se dizer sobre um texto literário, especialmente se estivermos falando de um poema. As informações compartilhadas aqui foram retiradas da minha dissertação de mestrado, que defendi em 2016 na UFPE. Para quem quiser ver as outras iluminogravuras de Ariano, ou se aprofundar no tema, segue o link da dissertação:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/19647/1/Dissert_EsterSim%3b5es-BC.pdf